

CONGADOS, CAPITÃES E CURANDEIROS

APONTAMENTOS SOBRE PRÁTICAS DE CURA NO UNIVERSO DO CONGADO DE FAGUNDES – MG

TALITA VIANA¹

INTRODUÇÃO

Durante minhas pesquisas com o Congado de Fagundes, município de Santo Antônio do Amparo – MG², fui me dando conta que também toma parte nesse universo, o trabalho de *curandeiros* que atuam, para além da esfera da festa, cotidianamente em suas comunidades – atendendo e recebendo demandas, inclusive, de pessoas de outras localidades – e como os conhecimentos para desempenhar uma “função” no Reinado estão intimamente conectados ao trabalho de curador exercido dentro e fora dela. Com uma mirada em campo³ voltada notadamente para a festa, suas funções rituais, objetos sagrados, cantos, danças e cosmologias, todavia não olhara para essas práticas e relações a partir

1 Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. E-mail: talitaviana@gmail.com

2 Santo Antônio do Amparo localiza-se há aproximadamente 180 km de Belo Horizonte através da rodovia Fernão Dias, no sentido de São Paulo; para chegar ao povoado dos Fagundes, existe uma estrada de terra a partir do município e outra, de mais ou menos 10 km, que sai da rodovia em um ponto entre Santo Antônio do Amparo e o município de Perdões. O povoado possui cerca de 200 casas e a maioria dos moradores trabalha na lavoura de café, notadamente como meeiros, ou no retiro.

3 Minhas idas a campo ocorreram, mais sistematicamente, entre 2007 e 2010, seguidas de uma breve estada no povoado dos Fagundes no período da Festa, em 2011, além de um encontro recente com alguns integrantes do Terno de Moçambique no XII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, na Vila de São Jorge, Alto Paraíso – GO, em julho de 2012.

de uma perspectiva da saúde, esforço sobre o qual me debruço neste trabalho. Dessa maneira, o artigo apresenta reflexões oriundas da revisitação a esses dados, norteadas, agora, por leituras e discussões de uma abordagem da saúde popular. Ressalta-se, no entanto, que as noções de enfermidade, cura e saúde com as quais trabalharemos não podem ser descoladas das cosmologias, sentidos e significados dos congados, inspirando-me na perspectiva adotada por Gustavo Pacheco (2004) em sua tese de doutorado sobre a pajelança maranhense. Nela o autor se esforça por integrar saúde, religião, *performance* e ritual, destacando que a frequente compartimentalização de nossas análises se deve, em grande medida, à visão fragmentada que o pensamento ocidental – logo, nossa antropologia – tem do mundo.

A pajelança maranhense, assim como outras manifestações congêneres, compõe-se de um conjunto mais ou menos sistemático de práticas e representações, em que aspectos “médicos” e “religiosos” encontram-se de tal forma entrelaçados que com frequência é difícil distinguir com precisão onde termina a “medicina” e onde começa a “religião”. Esta dificuldade resulta, evidentemente, da compartimentalização dos diversos domínios da experiência humana efetuada pelo pensamento ocidental e moderno (PACHECO 2004, p. 15).

Debruço-me, nesse sentido, em uma análise centrada notadamente nas práticas e narrativas dos sujeitos desse Congado, no intuito de compor o universo de ações, significados e sentidos próprios de seus contextos socioeconômico-culturais e de evitar conceituações descoladas das etnografias; a noção de saúde popular aparecerá, como veremos, no conjunto de práticas desenvolvidas pelos sujeitos, em uma tentativa de aproximação com a abordagem de Soraya Fleischer em sua etnografia sobre as parteiras de Melgaço – PA, onde a ideia de *prática* lhe “permite atentar para a ‘ação’, de certa forma imprevisível, sempre autoral e centrada no sujeito que a desenvolve”, perspectiva que nos leva a uma compreensão do ‘popular’ “muito mais como um estilo de fazer do que a caracterização de um grupo humano específico” (FLEISCHER, 2011, p. 30-31).

As análises se concentram nos trabalhos do Capitão Júlio Antônio Filho, mais conhecido como Capitão Julinho, do Congado de Fagundes. Além da minha observação participante no povoado, seguida de anotações de campo, me guiarei ainda pelas narrativas e memórias registradas do capitão, pois, por muito que deva à memória coletiva, o indivíduo é o memorizador e, das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum (BOSI, 2010, p. 411). Ao lembrar e narrar (RICOEUR, 2007), o indivíduo atribui também sua subjetividade à história de seu grupo, família ou nação.

CONGADOS, CAPITÃES E CURANDEIROS

Os congados, também conhecidos como reinados, são festas de coroação de reis congos em festividades de devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês e outros santos de devoção notadamente negra que tiveram origem no interior das Irmandades dos Homens Pretos do período colonial. Trata-se de uma festa híbrida em louvor a santos católicos, com marcantes elementos de matriz africana, notadamente bantos. Práticas culturais africanas, ligadas a saberes, valores, crenças e ritos de origem, mantiveram seu lugar estrutural central, ao mesmo tempo em que foram alteradas pelo fato de se manifestarem em uma festa de devoção católica, dando forma e significação aos cultos. Com *ingomas* (tambores) justapostas ao Rosário (RIOS, 2005), as festas de coroação de reis congos se fazem presentes em várias regiões do Brasil⁴.

Um dos mitos fundadores do congado é o episódio da retirada de uma imagem de Nossa Senhora do Rosário de uma rocha. Vários ternos⁵ – Congos, Vilões, Catopés – além do pároco e de uma

⁴ Importante destacar que esses congados, nas várias regiões do Brasil, apresentam particularidades e variações, mantendo em comum, no entanto, alguns elementos centrais nas funções rituais e mitos de origem.

⁵ “Terno” é um dos termos utilizados para os grupos que tomam parte na Congada.

banda de música, tentaram retirar a santa, mas foi o terno de Moçambique quem logrou fazê-lo, tornando-se, assim, o detentor e responsável pelos conhecimentos sagrados dos rituais da Festa⁶: “O Moçambique tem uma ligação muito grande do lado espiritual, principalmente com o Preto Velho, com os escravos, com esse pessoal e essas coisas”, explica seu Júlio Antônio Filho.

Os capitães de Moçambique, dessa forma, geralmente têm a função de liderança religiosa e espiritual no ritual e são os responsáveis pela mediação entre o plano terreno – dos acontecimentos vividos e visíveis do nosso cotidiano – e a esfera das causas invisíveis – onde circulam as energias, fastas ou nefastas, responsáveis por esses acontecimentos no plano terreno. Possuem, da mesma forma, a capacidade – ou o *poder*, como se referem alguns deles – de ver e se comunicar com antepassados, com espíritos de pessoas que já morreram e com *entidades*⁷ que, além de estarem presentes na Festa, podem participar das práticas de cura desenvolvidas pelos capitães fora dela. Ao acompanharmos um congado ao longo dos anos percebemos, por exemplo, uma variação nos cantos entoados de um ano para outro, notadamente naqueles direcionados a determinadas *entidades*, o que condiz, segundo seu Júlio, com a presença ou ausência destas na festa daquele ano, uma vez que o capitão puxa o canto próprio de uma *entidade* quando ela está presente⁸.

Cada terno possui, além de papéis específicos, uma linha própria de cantos e danças. Em Itapacerica – MG, usa-se também a expressão “corte”.

6 Existem diferentes versões desse mito. Em algumas regiões, por exemplo, a santa foi encontrada no mar e, no Serro – MG, foi o terno de Catopé quem conseguiu retirar a imagem da santa.

7 Todavia não tenho uma definição clara de quem são essas entidades e de quais seriam suas origens. Parece-me, até o momento, que elas podem ser tanto pessoas que existiram – na África ou no Brasil – e que por terem realizado algum feito especial se tornaram uma entidade responsável por determinadas questões – por exemplo, o *Pai Joaquim*, que geralmente atua nos problemas relacionados à cura –; quanto, como seria o caso dos *caboclos* e *caboclas*, entidades desassociadas de uma determinada e específica existência. Não me parece que elas sejam, como os orixás do candomblé, forças da natureza.

8 A título de povoarmos nosso imaginário sobre o Congado, apresento o canto geralmente entoado por seu Júlio para a entidade *Maria Redonda*: “*Lá envém*, quem combate

Seu Júlio Antônio Filho é capitão do terno de Moçambique e capitão-mor⁹ do Congado de Fagundes. Ele tem aproximadamente 65 anos e herdou o terno do avô, que era feitor no tempo da escravidão. Antes que esse terno passasse para sua responsabilidade, ele pertenceu, ainda, aos seus tios e ao seu pai. O avô também era, além de capitão de Moçambique, um *curandeiro*, termo utilizado por ele para se referir ao trabalho de cura desenvolvido pelo avô e atualmente por ele:

Ele tinha um lado espiritual. Pra raiz, por exemplo, você tem que ter qualquer intuição do lado espiritual pra você poder saber como é que você faz ou manipula as raízes que você vai arrancar. Senão a coisa não funciona. E o que ele fazia era isso. A maneira de você preparar a garrafa de remédio, a maneira de você colher a raiz, de você arrancar a raiz, isso tudo tem um haver do lado espiritual. É um trabalho que ele tinha, que ele era uma pessoa assim, de uma sabedoria muito grande, tinha uma força muito grande, um lado espiritual, uma luz muito grande mesmo e ele era uma pessoa de muita sabedoria. E desses nove filhos que ele teve, todos os nove tinha a mesma missão dele, era curandeiro, tinha o mesmo trabalho e veio vindo assim de geração, até que o último foi meu pai. E dos filhos, dos netos dele que tem essa missão, é eu e um primo meu que mora em Perdões (Seu Júlio Antônio Filho)¹⁰.

A fala acima oferece alguns elementos para pensarmos as práticas de cura – fortemente associadas ao lado espiritual – desenvolvidas por seu Júlio também fora do período da Festa. Antes, contudo, de adentrarmos em descrições mais pormenorizadas de seus *atendimentos*, cumpre ressaltar que a noção de “doença” – e, portanto, também as de cura e saúde – adotada, melhor se explica em termos de desequilíbrios ou perturbações, incluindo não só problemas que pertenceriam ao âmbito da saúde fisiológica ou psicológica (PACHECO, 2004), mas também a perda de objetos, problemas familiares e dificuldades no âmbito do trabalho. Nesse sentido, o trabalho de seu Júlio como *curandeiro*, assim como os significados que norteiam e dão sentido a essas práticas,

demanda / ela é dona de congo, é Maria Redon”.

9 O capitão-mor é o capitão de todo o Congado. Cada terno tem um capitão e o capitão-mor seria uma espécie de capitão de todos eles.

10 Optei por editar – minimamente – as falas registradas apenas nos casos em que a não edição dificultaria a compreensão por parte do leitor.

extrapolam as atribuições dos profissionais oficiais de saúde – esses compreendidos dentro do sistema oficial e hegemônico de saúde – o que aponta, mais uma vez, para a importância de considerarmos os aspectos cosmológicos e socioeconômico-culturais ao pensarmos essa personagem como um curador.

Os *atendimentos* de seu Júlio acontecem às segundas, quartas e sextas-feiras, em um cômodo lateral à sua casa, atualmente localizada no Retiro dos Pimentas, município de Perdões/MG, ademais daqueles realizados em lugares improvisados quando em situações de viagem ou mesmo durante a Festa, no povoado dos Fagundes. Por não haver guiado meu campo por questões notadamente relacionadas às práticas de cura desenvolvidas pelo capitão, não me preocupei em acompanhar esses atendimentos e tenho como referências apenas minha própria experiência em ser atendida, bem como as de pessoas amigas que depois me relataram as suas experiências.

A primeira vez que procurei ajuda de seu Júlio estávamos nos dias da Festa, em 2007¹¹, no povoado dos Fagundes e, entre uma função ritual e outra, ele se retirou em uma sala de aula da escola municipal. As pessoas que queriam *conversar* com ele já haviam sido avisadas do momento e de onde ele iria atender e ficamos aguardando do lado de fora da sala enquanto ele ia chamando uma de cada vez. Chegou a minha vez e logo expliquei as dificuldades familiares que estava atravessando, sem saber, no entanto, exatamente *como* seu Júlio poderia me ajudar. Durante alguns momentos da nossa conversa, tive a impressão de que não era apenas ele quem estava ali conversando comigo, o que se confirmou posteriormente, quando vim a saber que ele conta com a ajuda de *entidades* em alguns momentos do seu atendimento. Ao final da conversa e de uma série de conselhos e explicações sobre o que estava acontecendo comigo – e com as demais pessoas envolvidas nas minhas questões familiares

11 Essa foi a primeira vez que fui a campo. Estava na graduação e motivada pela pesquisa de Iniciação Científica sobre as cosmologias do Congado de Fagundes.

–, seu Júlio afirmou que *rezaria* pra mim no pé do mastro, no momento da sua descida¹².

A outra experiência em ser atendida por seu Júlio aconteceu em sua casa, em janeiro de 2009, no cômodo lateral onde ele geralmente atende. Fui recebida nesse cômodo, onde nos sentamos em duas cadeiras, uma de frente para a outra. Dessa vez queria consultar com ele a respeito de uma decisão que estava prestes a tomar, envolvendo trabalho e relacionamento. Quando terminei de relatar minhas questões, ele entrou em uma pequena sala contígua àquela onde estávamos e fechou a porta. Fiquei aguardando. Passados alguns minutos seu Júlio retornou à cadeira e me orientou sobre as escolhas que eu logo deveria fazer.

Nunca o acompanhei durante esse momento de retirada para essa salinha, pois é ali onde estão suas imagens de santos e de *entidades*, bem como outros objetos rituais e com propriedades curadoras; também é ali onde seu Júlio faz seus procedimentos espirituais, consulta as *entidades* e faz suas orações, rituais que ele não permite que outras pessoas observem.

Nas duas vezes em que fui atendida por seu Júlio, minhas queixas passaram tanto por problemas de ordem familiar quanto pela necessidade de que ele, utilizando de seu poder de mediação com a esfera da espiritualidade, das causas invisíveis aos não iniciados, me aconselhasse na tomada de decisões. Contudo, como mencionei no início do trabalho, capitão Julinho também cuida de questões de ordem fisiológica. Um amigo, ao qual chamei de João, estava com um calázio¹³ que, segundo os médicos,

12 Nos Congados, bem como em Folias do Divino Espírito Santo, geralmente se levanta um mastro com a bandeira dos santos devotados. Seu levantamento marca o início do tempo da Festa e a conexão entre a esfera espiritual e o plano terreno. Da mesma forma, sua descida marca o fim da Festa, o encerramento de um ciclo. Como explicou um congadeiro de Formiga/MG, se não descer o mastro, o Reinado vai durar para sempre! A reza no pé do mastro, quando da sua descida, tem grande poder.

13 O calázio, segundo uma definição biomédica, é uma inflamação que acontece em uma das glândulas responsáveis pela produção de material sebáceo localizadas nas pálpebras superior e inferior.

só se resolveria com cirurgia. Ao ver a inflamação, seu Júlio, sem confirmar ou discordar do diagnóstico biomédico, afirmou que a cirurgia era desnecessária. Deu, em seguida, uma volta no mato que tem ao redor de sua casa e voltou com as plantas para o tratamento. Entregou-as a João, indicando o modo de usá-las. Interessado em saber de que plantas se tratavam, João perguntou ao capitão, que lhe respondeu tornando a indicar o modo de usá-las, fato que se repetiu na segunda tentativa de João de saber o nome das plantas indicadas. O calázio sarou durante um período, mas voltou a aparecer. O capitão foi novamente procurado e indicou a João uma planta diferente. A partir de então a inflamação não voltou a acontecer.

Parece-me que o fato de seu Júlio não ter revelado, de forma alguma, o nome da planta indicada, tenha relação com o que ele diz sobre esse conhecimento das “raízes que você vai arrancar” ter um “haver com o lado espiritual” e poder ser aberto apenas aos iniciados, o que ficará mais claro adiante. Da mesma forma, no ano de 2007, quando da filmagem que deu origem ao documentário *Cê me dá licença: Capitão Julinho e o Congado de Fagundes* (2008)¹⁴, o roteiro de gravação incluía uma “volta no quintal” com o seu Júlio, onde ele apresentaria algumas plantas e seus possíveis usos. O capitão, no entanto, optou por não abrir “às câmeras” esse conhecimento.

Outro ponto que merece destaque com relação a essa cura do calázio de João consiste no fato de que as plantas prescritas pelo *curandeiro* faziam parte do mato circundante à sua moradia e local de atendimento. Trata-se de uma vegetação sobre a qual ele tem amplo conhecimento e cujo aprendizado não passou por livros de botânica ou manuais de fitoterapia, senão pela convivência cotidiana com “os mais velhos”. Percebemos ainda,

14 O documentário, realizado pelo Clube do Voleiro Caipira de Brasília e dirigido por Sebastião Rios, apresenta o trabalho de Seu Júlio Antônio como guia espiritual e capitão de Moçambique no Reinado do Rosário do povoado dos Fagundes. O projeto que deu origem ao documentário, bem como ao CD *Foi o que me trouxe: Moçambique do Capitão Júlio Antônio Filho* (2008), realizado em parceria com a Viola Corrêa Produções Artísticas, foi patrocinado pela Petrobras.

nesse mesmo episódio, que seu Júlio também passa por situações em que a primeira “prescrição” não atende completamente a demanda de quem o procura, o que não implica na perda de confiança em suas capacidades curadoras por parte desses.

O capitão é procurado, em seu local de atendimento, por pessoas tanto de Perdões e Santo Antônio do Amparo quanto oriundas de outras cidades, em busca de tratamento para questões fisiológicas – como um câncer, por exemplo – bem como para perturbações de ordem familiar e de relacionamentos; e ainda, como foi o meu caso da segunda vez em que o procurei, em busca de *aconselhamentos* a partir de sua capacidade de ver – e lidar – com as energias – fastas e/ou nefastas –, com os espíritos e as *entidades* que circulam na esfera das causas invisíveis. É nesse sentido que as pessoas, ao estarem prestes a iniciar uma nova parceria de trabalho, por exemplo, telefonam para o capitão no intuito de saber se aquela pessoa – ou empresa – vale ou não à pena; e no caso de determinado âmbito da vida apresentar muitos problemas ou não progredir. No caso desse tipo de consulta, quando feitas por telefone, o capitão escuta a demanda e diz que *vai olhar*. Passado um tempo é que o demandante retorna a ligação para saber as “respostas” e os conselhos do capitão.

Essa multiplicidade de demandas é um ponto que merece destaque. Podemos pensar tal variedade assim como as expectativas que as pessoas depositam no *poder* do capitão dentro da perspectiva proposta por De Certeau (1996) em que os *consumidores*, dotados de agência, escolhem dentre as várias possibilidades oferecidas. Uma noção de saúde popular apareceria aqui nas *táticas* das pessoas que procuram tratamentos e terapeutas variados deslocando o foco da análise do terapeuta para aqueles que demandam os atendimentos. Uma aproximação com Loyola (1984) pode, da mesma forma, chamar a atenção para o fato de que as pessoas buscam determinados terapeutas para questões de um tipo específico e determinados terapeutas para outras questões.

O *responso* também era uma prática comum entre os *curandeiros* mais antigos e que também fazia parte dessa habilidade de ver e lidar com essas esferas para nós invisíveis. Nesse trabalho o *curandeiro* era procurado para as questões de objetos perdidos ou situações em que se fazia necessário saber o autor de determinado ocorrido. Transcrevo brevemente um caso narrado por seu Júlio que ilustra claramente esse atributo do *responso*:

Meu tio era um curandeiro assim muito forte, [tinhal um poder fora do comum e uma ocasião foi uma dona lá na casa dele. Ela era recém-casada e o marido tinha ciúme dela demais. Eles moravam na roça e ela foi tratar duns porcos, e nela mexer com a lavagem ali, a aliança dela escapuliu e caiu no meio do trato dos porcos. E ela levou o trato dos porcos, pôs lá no cocho e os porcos comeram aquela aliança e engoliram ela. E ele lo maridol foi apertando ela por causa dessa aliança, bateu, achando que ela tinha dado a aliança pra outra pessoa. Ai passou um dia, quando foi no outro dia, ela foi na casa do meu tio. Chegou lá e falou: 'Antônio Joaquim, aconteceu isso e isso e isso assim. Eu tenho a minha consciência limpa e não tem nada errado comigo.' E falou e chorou, aquela coisa toda. Ele foi e entrou lá dentro – ele tinha um quarto onde que ele olhava as coisas dele – e saiu de lá e falou pra ela: 'Ô, você está com um porco pintado, desse tamanho, assim, assim, assado, que faz tantos dias que você fechou ele; você vai lá e mata ele que a aliança está no bucho do porco e ele não evacuou ela ainda não.' Ela veio, passou na casa do pai dela e levou um irmão dela. Chegou lá, contou a ele e mataram o porco. Tirou o bucho do porco, foi lavando e a aliança tava dentro do bucho do porco.

Essa capacidade *adivinhatória* assim como o poder de prever certos acontecimentos constituem atributos considerados por muitos como *feitiçaria*, em um sentido pejorativo e atrelado às potências do mal. No entanto, capitão Julinho afirma com veemência que trabalha somente para o bem, cumprindo a missão dada a ele por Deus, ainda que já tenha sido procurado para fazer o mal.

Ele é procurado também por pessoas em busca de proteção, de uma benção, para si próprios ou para terceiros – e esse pedido também é feito, muitas vezes, pelo telefone. Basta passar um dia de atendimento próximo ao seu Júlio para constatar as inúmeras vezes que ele recebe ligações em busca de atendimento

a distância. É demandado, da mesma forma, para que abençoe lugares, livrando das energias nefastas e restaurando o equilíbrio. O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros constitui um bom exemplo para pensarmos as práticas de cura do seu Júlio e percebermos como elas estão imbricadas ao seu trabalho como capitão. Ademais do compromisso de apresentação no Encontro, ele vai para a Vila de São Jorge, onde se dá anualmente o Encontro, com seu Moçambique também comprometido com seu trabalho de *curandeiro*, em um esforço de esconjurar as forças do mal bastante presentes, segundo ele, na vila e restabelecer o equilíbrio do lugar. Da mesma forma, a sua “apresentação” no palco do último Encontro, na noite do sábado, 28 de julho de 2012, não se tratava de uma apresentação como a concebemos por um grupo de artistas ou músicos. Do palco, com a bandeira de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário nas mãos, seu Júlio emanava as bênçãos e rogava proteção a todas aquelas pessoas que o assistiam, bem como à Vila de São Jorge. No mesmo sentido, pude observar que a todo tempo ele era demandado, tanto por pessoas da organização do evento quanto por turistas ou moradores da região, em busca de um breve *atendimento*.

Importante ressaltar, todavia, que essa separação ou enumeração dos tipos de demandas recebidas por seu Júlio, talvez sejam coerentes somente enquanto categorias analíticas. Parece-me que todas as práticas de cura desenvolvidas por ele, incluindo as bênçãos, a consulta com as *entidades* e o uso de plantas, fazem parte de um complexo de aspectos “socioeconômico-cosmológicos” não estanques ou descoláveis do contexto onde significam. E daí a necessidade de uma noção ampliada de saúde para a qual chamei a atenção no início do trabalho, pensando a doença como um distúrbio que precisa ser reequilibrado.

Seu Júlio atende, como já foi mencionado, toda segunda, quarta e sexta-feira, desde manhã cedo até o início da noite, em sua casa no Retiro dos Pimentas, não encerrando com os atendimentos enquanto tiver alguém esperando. Mesmo nos dias da Festa do povoado dos Fagundes – que tem início na noite da sexta

e encerra na segunda-feira – ele só vai para o povoado – onde também tem uma casa – após o último atendimento; e na segunda-feira pela manhã vai à casa do Retiro para o caso de haver alguém esperando para ser atendido. Esses atendimentos não são cobrados, mas são muitas vezes retribuídos conforme as vontades das pessoas que o procuram e, devido à prestação desses, seu Júlio é uma pessoa bastante conhecida em Perdões e pode contar com vários favores quando necessário.

O capitão é herdeiro de uma tradição vinda do seu avô, tios e pai, sendo que esse último, principalmente, é uma figura de grande importância e reconhecimento pelas pessoas mais antigas do povoado. Essa herança, associada ao fato de ele já ter curado problemas que “nem os médicos” conseguiram, parecem dotar o capitão de um *crédito*, noção com a qual trabalha Pacheco (2004), que nos desobriga de associar a eficácia de seus atendimentos, bem como a constância e multiplicidade de demandas que ele recebe da necessidade do compartilhamento de um sistema de crenças comuns.

Como foi brevemente mencionado, ele atribui seu trabalho como *curandeiro* – um *sacerdote de almas*, nas suas palavras – como um dom recebido por Deus e que implica uma missão que deve ser cumprida. Muitas vezes se refere a essa missão como um fardo pesado e trabalhoso, mas que o coloca, ao mesmo tempo, em um patamar de alguém “escolhido”, de um privilegiado:

E o problema da pessoa não é tanto a pessoa, como diz os outros, querer. É você ter aquele dom e, como se diz, ser desenvolvido pra aquilo. Porque não adianta, se eu não tenho o dom, se Deus não me deu o dom eu posso pelear que eu não consigo. É como diz o ditado: ‘isso aí é pra quem é. Não é pra quem quer’ (Seu Júlio Antônio Filho).

De acordo com ele, seu trabalho como *curandeiro* também está intimamente relacionado ao seu trabalho como capitão do terno de Moçambique: “Tudo é junto. Porque muita das vezes, eu pra ser um capitão eu dependo de ser *curandeiro*. E às vezes eu pra ser *curandeiro* eu dependo de ser capitão.” Parece-me,

tanto por suas explicações quanto pela observação do terno *na rua*, além das experiências com os atendimentos, que o trabalho desenvolvido quando está desempenhando um dos papéis só é possível devido à existência do outro, e vice versa. Chego a sugerir que eles sejam inseparáveis. Seu Júlio ainda explica: “A gente adquiriu um poder dos negros e eu trabalho por intuição. A missão que a gente tem aqui é implorar a Deus, àquele poder, pra beneficiar quem vai procurar ajuda”, fazendo referência às *entidades*, à ancestralidade e aos conhecimentos que norteiam a prática como capitão, assim como enquanto *curandeiro*.

Não sei precisamente o momento e contexto no qual seu Júlio começou com a prática dos atendimentos. Tampouco se foi concomitante ao momento em que ele assumiu o terno de Moçambique que fora do seu avô. Ele conta, no entanto, um episódio vivido na sua infância que parece ser, para ele, uma espécie de marco inicial nesse *poder*. Quando estava na idade de mais ou menos sete anos, adoeceu e começou a ter muita convulsão e desmaio, “e não tinha nada que curasse aquilo”. Assim, teve um dia que seu avô o chamou na casa dele e lhe falou: “Olha, meu filho, você não vai adoecer mais. Ontem foi o último dia que você adoeceu e você não vai adoecer mais. É... Mas você vai ser um escravo de São Benedito enquanto vida você tiver. Ele é seu pai.” Segundo ele, a partir desse dia não voltou a adoecer mais, adquirindo uma maior resistência, inclusive, para outras enfermidades. Esse episódio me remete a outras histórias em que a entrega a uma santidade foi o fator responsável pela promoção da cura e restauração da saúde, bem como pelo início de um compromisso com os santos e santas louvadas nos congados – e também em outras festas devocionais, como as Folias de Reis. Valdivino Pimentel, por exemplo, presidente da Congada de Santa Efigênia de Niquelândia/GO, começou a dançar congo quando criança devido à promessa feita por sua mãe, dona Cristina Fernandes, quando o menino ingeriu querosene. A criança apresentava um estado grave de saúde, já desenganada pelos médicos, quando dona Cristina o entregou à Santa Efigênia, assumindo o

compromisso de que ele, caso viesse a sarar, dançaria na congada devotada a ela enquanto vida tivesse.

Embora não tenha dados sobre a continuidade desse episódio na trajetória de seu Júlio e nem sobre quando ele começou a desenvolver esse lado espiritual e a atender, parece-me, a partir de alguns fatos da sua vida que vão sendo contados ao longo das idas e permanências no povoado dos Fagundes, que o momento em que ele decidiu assumir o dom e a missão que lhe fora dada, honrando os compromissos de atendimento, coincida com um processo de *endireitamento* na vida, no sentido de lograr um maior equilíbrio na família, no âmbito econômico e na vida pessoal de um modo geral. Uma história semelhante é narrada por um capitão de Moçambique de Itapeverica – MG: quando era criança, a senhora que o pajeava lhe contou que ele “tinha a mediunidade aberta” e que, quando crescesse, poderia desenvolvê-la e trabalhar com cura. E as coisas só começaram a “dar certo” em sua vida, com relação ao trabalho, família e abandono do vício da bebida, quando ele começou a desenvolver essa mediunidade e a trabalhar com cura, como o faz atualmente¹⁵.

É possível destacar, assim, a partir desses apontamentos iniciais sobre as práticas de cura desenvolvidas por seu Júlio Antônio Filho, que o trabalho que ele desenvolve é fruto de um dom, de uma missão, que está intimamente relacionada ao seu compromisso como capitão de Moçambique, ambos herdados de uma ancestralidade tanto familiar – do pai, tios e avô –, quanto *católica-africana*, presentes na devoção e filiação com São Benedito e com os negros escravos, bem como nas relações de grande

15 Essa possível correspondência entre o assumir a missão e apurar na vida remete-me, ainda, às análises de Pacheco sobre a pajelança no Maranhão, onde ele se deparou com algumas histórias de bebida em excesso e desordens na vida pessoal em casos de pessoas dotadas do dom para a pajelança, mas que ainda não trabalhavam como pajés; e que é somente quando decidem passar pelo processo de iniciação, de *encruzamento*, que o equilíbrio é instaurado (PACHECO, 2004, p. 113). O dom como uma explicação para alguma capacidade terapêutica é trabalhado ainda nas análises de Fleischer (2011) sobre as parteiras de Melgaço – PA, bem como por Nobre (2009), com relação aos terapeutas de Chipaiá e Icoaraci, ambas também no Pará.

proximidade – e convívio – com as *entidades*, que tanto o auxiliam nos atendimentos, quanto circulam durante o Reinado; elementos que se fazem presentes ainda na manipulação das raízes para a confecção de remédios e em sua capacidade de mediação entre as esferas. Ressalta-se, por fim, a não cristalização desses conhecimentos “herdados de uma tradição”, sendo o capitão Julinho sujeito dotado de criatividade e subjetividade, ressignificando e recriando a todo tempo em seus atendimentos.

CONGADOS, CAPITÃES E CURANDEIROS: PRÁTICAS PARA PENSARMOS UMA SAÚDE POPULAR?

Os apontamentos sobre as práticas de cura desenvolvidas pelo capitão Julinho, tanto nos dias da Festa, quanto em contextos fora dela, nos conduz a uma necessária ampliação do conceito de saúde extrapolando os limites de uma perspectiva centrada no modelo biomédico oficial ou mesmo centrado em instituições formalizadas. A noção de saúde, para seu Júlio, parece estar muito mais associada a um equilíbrio entre a esfera das causas invisíveis e aquela onde experimentamos as atividades e atribuições cotidianas, do que à ausência de uma enfermidade específica, fruto de algum agente patogênico, como um vírus ou uma bactéria; restabelecer o equilíbrio passa, dessa forma, por sua capacidade de mediação, contando com o auxílio de *entidades*, bem como com um poder herdado de seus ancestrais, familiares e africanos; e é essa capacidade, esse poder, que norteia suas práticas de manipulação de plantas e confecção de garrafadas, assim como as *benzeções* e *aconselhamentos*. Constituem um todo que só faz sentido se pensado junto à sua devoção à Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, ao dom e à missão dada a ele.

O conjunto dessas práticas é o que me permite pensá-las como saúde popular. A cultura popular compreendida aqui, não de uma maneira estanque ou presa no passado, senão, como nos sugere De Certeau (1996), como a “arte do fraco” e suas *táticas* contra o modelo hegemônico e considerando as lógicas

de poder responsáveis pela *construção* de modelos oficiais de saúde, que relevam ao patamar de inferioridade todo e qualquer saber não correspondente à sua lógica. Nesse sentido se faz relevante consideramos a perspectiva de Menéndez (1994), para quem os saberes populares se encontram em constante modificação, bebendo também em outras fontes, inclusive nas concepções e práticas biomédicas.

Outro ponto que considero de grande relevância para pensarmos essas práticas como saúde popular é atentar para a lógica de transmissão desses conhecimentos de cura, que não passa por um sistema formal de educação. Seu Júlio o “aprendeu” enquanto herdeiro de uma tradição e passando por iniciações, mas também através de um convívio diário e direto com seu avô, pai e tios, o que nos permite pensar a transferência desses saberes no decorrer das práticas, na observação direta e de um *fazer junto*. Alfredo Bosi (1992) nos ajuda a pensar essa informalidade da transmissão dos saberes das culturas populares colocando que, em contato, mas à margem da cultura erudita, da educação formal institucionalizada e dos meios de comunicação de massa, elas se reproduzem no espaço da vida familiar e comunitária, viabilizadas pela rede formada por parentes, vizinhos e adeptos de uma mesma religião – sem prejuízo do fato de alguns membros serem adeptos de mais de uma.

Ainda com relação a essa não oficialidade e “obediência” aos sistemas formais e oficiais de saúde e educação, ressalto a importância de que não pensemos essas práticas de cura desenvolvidas por seu Júlio – assim como por outros capitães de Congado, de Folia de Reis, Cocos e Maracatus – como saberes “espontâneos”, rudimentares ou simples, devido ao caráter *prático* da construção e transmissão desses conhecimentos. Nesse sentido os trabalhos de Pimenta (2009) e Xavier (2009) nos fornecem dados históricos relevantes para compreendermos como essa noção de oficial é uma construção operada segundo a lógica do poder.

Vale refletir, ainda, sobre o papel de seu Júlio Antônio como um terapeuta popular dentro dessas perspectivas de saúde popular – incluindo a oposição a uma oficialidade – sem esquecermos, no entanto, do caráter religioso e espiritual que norteia suas práticas, o que o afasta completamente de uma lógica de especialização do trabalho, bem como de uma lógica mercadológica de prestação de serviço. Chamo a atenção também para a liderança, de um ponto de vista comunitário, que o capitão tem no povoado. Essa liderança, além de associada aos seus atendimentos, relaciona-se com tamanha importância dada a seu pai pela comunidade dos Fagundes; em muitas conversas no povoado, ouvi referências ao pai do capitão, assim como a ele, como uma espécie de “pai” para algumas pessoas.

Nesse sentido talvez possamos considerar que tamanho crédito atribuído ao capitão tenha relação com suas marcantes referências na região, ponto em que sua ancestralidade, também dotada de tamanho poder, acaba por valorizar ainda mais seus atributos. Não devemos desconsiderar, no entanto, a proximidade social, cultural e de classe, entre seu Júlio e grande parte das pessoas que o procuram, fato capaz de diminuir possíveis – e prováveis – distâncias entre terapeutas e *pacientes*. A noção de *segurança cultural* proposta por Jolly (2002), uma espécie de segurança atribuída aos pacientes devido ao fato de estarem em suas redes pessoais, em locais conhecidos ademais de conhecer objetos e procedimentos a serem utilizados em uma prática de saúde, também nos ajuda a pensar as práticas do capitão em conjunto com as pessoas que o procuram.

Por último destaco o quanto as práticas desenvolvidas por esse capitão *curandeiro* são norteadas por cosmologias específicas e que determinam diferenças nas concepções tanto de mundo – a existência de duas esferas e de pessoas capazes de mediá-las¹⁶ – quanto de corpo, compreendendo-o dotado de uma espécie de permeabilidade que precisa ser “fechada” contra as energias

16 Importante ressaltar não estarmos lidando com uma concepção que separa natural e sobrenatural, senão uma continuidade entre essas esferas.

nefastas, bem como contra ações malévolas exercidas por espíritos ou outras pessoas também detentoras desse poder de mediação e que o utilizam para o mal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira. Culturas brasileiras. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: Lembranças dos Velhos. 16ª edição. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- CÊ ME DÁ LICENÇA: capitão Julinho e o Congado de Fagundes MG. Direção de Sebastião Rios. Coordenação e direção musical de Sebastião Rios. Roteiro de Carolina Santos, Sebastião Rios, Talita Viana e Wesley Zaremaré. Brasília: Clube do Violeiro Caipira de Brasília e Gaia Vídeo, 2008. 1 DVD.
- DE CERTEAU, Michel de. Introdução Geral. In: DE CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 35-53.
- DE CERTEAU, Michel de. Capítulo 2: Culturas Populares. In: DE CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 75-106.
- DE CERTEAU, Michel de. Capítulo 3: Fazer com: usos e táticas. In: DE CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. p. 75-106.
- FLEISCHER, Soraya. *Parteiras, buchudas e aperreios*: Uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial em Melgaço, Pará. Santa Cruz do Sul: EdUNISC / Belém: Paka Tatu, 2011.
- GOOD, Byron. The narrative representation of illness. In: _____. *Medicine, rationality and experience*. Cambridge: University Press, 1994.
- JOLLY, Margaret. Birthing beyond the confinements of tradition and modernity. In: LUKERE, Vicki; JOLLY, Margaret (Orgs.). *Birthing in the Pacific: Beyond tradition and modernity?* Honolulu: University of Hawaii Press, 2002.
- LOYOLA, Maria Andrea. Parte II – A clientela. In: _____. *Médicos e curandeiros*: Conflito social e saúde. São Paulo: DIFEI, 1984.
- MALUF, Sônia. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, 5(12), p. 69-82, 1999.

MENÉNDEZ, Eduardo. La enfermedad y la curación ¿Qué es medicina tradicional? *Revista Alteridades*, n. 7, p. 71-83, 1994.

MOÇAMBIQUE DO CAPITÃO JÚLIO ANTÔNIO FILHO. *Foi o que que me trouxe*. Coordenação de Sebastião Rios. Produção executiva de Juliana Saenger. Direção musical de Roberto Corrêa. Brasília: Clube do Voleiro Caipira de Brasília e Viola Corrêa Produções Artísticas, 2008. 1 CD.

NASCIMENTO, Pedro Francisco Guedes do. *Reprodução, Desigualdade e Políticas Públicas de Saúde: Uma etnografia da construção do desejo de filhos*. Tese. (Doutorado em Antropologia)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NOBRE, Angélica Homobono. *Atravessando fronteiras: viagem rumo à saúde tradicional*. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Federal do Pará, 2009.

PACHECO, Gustavo de Britto Freire. *Brinquedo de cura: um estudo sobre a pajelança maranhense*. Tese (Doutorado em Antropologia)-Universidade Federal do Rio de Janeiro-Museu Nacional, 2004.

PIMENTA, Tania Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: CHALHOUN, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (Orgs.). *Artes e Ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

RICOEUR, Paul. Da Memória e da Reminiscência; A Representação Historiadora e O Esquecimento. In: *A Memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIOS, Sebastião. Os cantos do Rosário. In: CD *Reinado do Rosário de Itapeçerica - MG*. Da festa e dos mistérios. Brasília: Viola Corrêa, 2005.

XAVIER, Regina. Dos males e suas curas: Práticas médicas na Campinas oitocentista. In: CHALHOUN, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (Orgs.). *Artes e Ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

RESUMO

O artigo apresenta reflexões oriundas da revisitação, a partir de uma perspectiva da saúde, aos dados obtidos durante pesquisa com o Congado de Fagundes/MG. Toma parte neste universo, o trabalho de *curandeiros* que atuam, para além da esfera da festa, cotidianamente na comunidade. Seus

conhecimentos para desempenhar uma “função” no Reinado estão intimamente conectados ao trabalho de curador exercido dentro e fora dela. À luz de bibliografia sobre saúde popular, debruço-me sobre essas práticas e relações, refletindo sobre as noções de enfermidade, cura e saúde que as norteiam.

Palavras-chave: Congado, Saúde Popular, Curandeiros, Festa, Cultura Popular.

ABSTRACT | CONGADOS, CAPITÃES E CURANDEIROS – NOTES ABOUT HEALING PRACTICES AT THE CONGADO OF FAGUNDES – MG

This article presents reflections derived from revisiting the data obtained during my research about the Congado of Fagundes – MG, from the perspective of health. Take part in this universe, healers who work in everyday's community life, beyond the sphere of the party. The knowledge to perform a “function” at the “Reinado” is closely connected to the job of curator exercised inside and outside the ritual. In light of popular health literature I turn to look at these practices and relationships reflecting about the notions of illness, healing and health.

Keywords: Congado, Popular Health, Healer, Party, Folk Culture.

RESUMEN | CONGADOS, CAPITÃES E CURANDEIROS – REFLEXIONES SOBRE PRÁCTICAS DE CURA EN EL CONGADO DE FAGUNDES – MG

El trabajo presenta reflexiones oriundas de la revisión, a partir de la perspectiva de la salud, de los datos obtenidos en una investigación con el Congado de Fagundes/MG. Es parte de este universo el trabajo de *curanderos* que actúan cotidianamente en la comunidad más allá del contexto de la fiesta. Sus conocimientos para desempeñar una “función” en el Reinado están

fuertemente conectados al trabajo de curador ejercido dentro y fuera de la comunidad. A la luz de una bibliografía elegida sobre salud popular, observo cómo estas prácticas y relaciones reflejan las nociones de enfermedad, cura y salud que las nortean.

Palabras clave: Congado, Salud Popular, Curanderos, Fiesta, Cultura Popular.